

Transformações da esfera pública na contemporaneidade

Changes in the public sphere in contemporary

Juliano Cordeiro da Costa Oliveira¹



Resumo

Nosso artigo debate as transformações da esfera pública na contemporaneidade. Primeiramente, discutiremos o conceito de esfera pública no pensamento de Jürgen Habermas, bem como as possíveis críticas feitas à sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Em seguida, explicitaremos, a partir de J.B Thompson, o novo entendimento de esfera pública, principalmente tendo em vista o desenvolvimento na modernidade dos meios de comunicação. Por último, abordaremos o papel desempenhado pelos movimentos sociais na esfera pública contemporânea, além da fragmentação cada vez maior do espaço público de discussão.

Palavras-chave: Esfera Pública. Meios de Comunicação. Movimentos Sociais;

Abstract

Our article discusses the changes in contemporary public sphere. First, discuss the concept of public sphere in the thought of Jürgen Habermas, as well as the possible critical references to his structural change of the Public Sphere. Then, explicitly, from JB Thompson, the new understanding of the public sphere, especially in view the development of the modern media. Finally, we discuss the role played by social movements in contemporary public sphere, in addition to the increased fragmentation of public space for discussion.

Keywords: Public sphere. The media. Social movements.

1 A questão de esfera pública no jovem Habermas

Podemos dizer que a discussão acerca da esfera pública remonta aos debates filosóficos da Grécia Antiga, quando aqueles considerados cidadãos se reuniam para discutir questões relativas ao bem comum. Mesmo com a limitação do conceito de cidadania na Grécia Antiga, haja vista que mulheres, escravos e estrangeiros não podiam participar das discussões sobre o bem comum, a antiga democracia grega possuía, em realidade, um compromisso que muitas vezes faltou em outros sistemas de governo².

Nos tradicionais estados monárquicos da Idade Média e início da Europa moderna, os negócios do estado eram conduzidos nos círculos fechados da corte, de modo completamente invisível à maioria da

população. Quando reis, princesas e lordes apareciam diante de seus súditos, eles o faziam apenas para afirmar seu poder publicamente (visivelmente), mas não para tornar públicas (visíveis) as razões em que assentavam suas decisões políticas.

A explicação habermasiana da esfera pública burguesa, segundo Thompson³, traz a marca da concepção greco-clássica sobre a vida pública, pois espaços como os salões, os clubes e os cafés eram, tal qual veremos logo abaixo, o equivalente, para Habermas, no contexto do início da Europa Moderna, às assembleias e aos mercados da Grécia Antiga. A esfera pública, então, desde sempre, apoiou-se na idéia do discurso, da avaliação de diferentes argumentos, opiniões e pontos de vista.

Como contextualiza Hannah Arendt⁴, a viver numa *polis* significava que tudo era decidido mediante palavras, e não através da força ou da violência. Para

¹ Graduado em Comunicação Social pela Universidade de Fortaleza (Unifor) e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: julianocordeiro81@gmail.com.

² THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.113.

³ Ibidem, p.119.

⁴ ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, pp.35-6.

os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar em vez de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *polis*, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes despóticos. A *polis* grega, comenta ainda Arendt⁵, diferenciava-se da família justamente pelo fato de reconhecer os cidadãos como iguais, ao passo que a família era o centro das mais severas desigualdades. Ser livre, na *polis* grega, significava, ao mesmo tempo, não comandar nem ser comandado.

Na modernidade, uma esfera pública funcionando politicamente, segundo Habermas⁶, aparece pela primeira vez na Inglaterra, no início do século XVIII. Habermas explica que a esfera pública era entendida, inicialmente, como o local onde pessoas privadas se reuniam num público, buscando, por meio da *práxis* argumentativa, um consenso racionalmente alcançado, modificando a dominação enquanto tal. A burguesia queria, por conseguinte, passar a ter influência sobre as decisões do poder político. Objetivando isso, ela discutia com o público pensante reivindicações políticas. Nesse sentido, a esfera pública podia ser entendida como a esfera das pessoas privadas, regulamentada pela autoridade da época (nobreza), mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela leis e princípios.

Portanto, na esfera pública burguesa, referência inicial para a análise habermasiana da esfera pública, desenvolvia-se uma consciência crítica que articulava idéias contra a monarquia e o clero: indivíduos privados se engajavam numa discussão pública que, em princípio, era aberta e sem coerção. Vale lembrar que a idéia da esfera pública está relacionada também com o princípio kantiano da publicidade. Aqui, podemos perceber a interligação entre publicização de idéias e racionalidade. Logo, os salões europeus, os cafés e os jornais⁷ eram tidos como locais propícios à discussão política, tal qual um fórum de debates. Nesses lugares, os burgueses eram socialmente reconhecidos, mas ainda desprovidos de poder:

Habermas demonstra, por exemplo, que os primeiros jornais, lançados no início do século XVII, ganharam justamente a denominação de “jornais políticos”, pois traziam em suas páginas notícias sobre assembleias parlamentares, guerras, resultados de colheitas, impostos e comércio internacional, num viés crítico em relação ao poder até ali vigente: a nobreza. A imprensa de opinião, nesse contexto, já pode ser entendida como um dos instrumentos fundamentais da esfera pública⁸. Ela situava-se fora do Estado absolutista e funcionava como instrumento de discussão pública, criticando as estruturas do poder até então.

Desse modo, a esfera pública intermediava, por meio da opinião pública nascida da discussão livre, ampla e da força do melhor argumento, como explica Habermas, o Estado e as necessidades da sociedade. A opinião pública era assim legitimada tal qual a única fonte verdadeira das leis. A própria esfera pública contava ainda com a separação rígida entre setor público e privado: “A linha divisória entre Estado e sociedade, fundamental para o nosso contexto, separa a esfera pública do setor privado”⁹.

Entretanto, Habermas observa que interesses econômicos começaram a dominar a esfera pública: poder e dinheiro constituíam-se como forças maiores do que os discursos racionais e argumentativos, havendo, além disso, privatização do espaço público de discussão. Ora, “a esfera pública burguesa se rege e cai com o princípio do acesso a todos. Uma esfera pública, da qual certos grupos fossem excluídos, não é apenas, digamos, incompleta: muito mais, ela nem sequer é uma esfera pública”¹⁰. Por isso, Habermas¹¹ chega a falar de uma *refeudalização* da esfera pública.

Este fato é decisivo para o que Habermas denomina de mudança estrutural da esfera pública. O que ele observa com maior gravidade é a predominância do sistema econômico em relação ao sistema sócio-cultural, porque há perdas consideráveis das potencialidades racionais e comunicativas no âmbito de tal esfera, em prol de interesses mercadológicos e privados: “A esfera pública burguesa desenvolve-se

⁵ Ibidem, p.41.

⁶ HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.75.

⁷ GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004, p.161: “Quanto à imprensa, é preciso notar que esta tem lugar estratégico como instituição e instrumento da esfera pública”.

⁸ Ibidem, p.46.

⁹ HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.45.

¹⁰ Ibidem, p.105.

¹¹ Ibidem, p.229.

no campo de tensões entre Estado e sociedade. Mas de modo tal que ela mesma se torna parte do setor privado”¹².

O raciocínio dos atores, enquanto seres pertencentes a uma intersubjetividade de um espaço público, para Habermas¹³, tenderia a se converter em consumo, e o contexto de uma comunicação pública e livre perderia seu sentido. Hannah Arendt¹⁴, por sua vez, fala da destruição, pela modernidade, tanto da esfera privada quanto da pública. Para a autora, nas circunstâncias modernas, há uma privação de relações com o outro, prejudicando a alteridade, ao mesmo tempo em que a esfera privada, reservada a cada um, é invadida pela denominada “sociedade de massa” e pelo consumo.

J. B. Thompson (1995) defende a tese, com razão, de que há falhas na análise habermasiana inicial da esfera pública. Para ele, Habermas centralizou todo o seu conceito de esfera pública especificamente na burguesia, negligenciando a importância de outras formas de atividades públicas e políticas que existiram também nos séculos XVII, XVIII e XIX. Tais formas de atividades públicas e políticas não fizeram parte necessariamente da sociabilidade burguesa, e em alguns casos dela foram excluídas ou a ela se opuseram. Nessa época, existiram também movimentos sociais plebeus que se organizaram fora da chamada esfera pública burguesa, como enfatiza Thompson:

a relação entre a esfera pública burguesa e os movimentos populares era quase sempre conflituosa. Da mesma forma que a esfera pública burguesa emergente se definiu em oposição à autoridade tradicional do poder real, assim também se confrontou com o levante dos movimentos populares que ela procurou conter¹⁵.

De fato, a análise inicial do jovem Habermas acerca da esfera pública é limitada. Faltou a ele uma reflexão mais detalhada sobre os movimentos sociais daquela época, bem como o papel que estes exerciam na política. Outra crítica pertinente que Thompson faz a Habermas é a ênfase exagerada nos periódicos

burgueses como um tipo de esfera efetivamente pública, visto que na mesma época livros e, acima de tudo, panfletos de movimentos plebeus, circulavam antes dos jornais burgueses, promovendo também debates políticos fora da esfera do convívio burguês.

Além disso, Thompson¹⁶ enfatiza que, em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, falta uma explicação suficiente de como os princípios, uma vez expressos na esfera pública burguesa, deveriam continuar a ter significado para nós ainda hoje. Habermas, porém, abandonou há muito tempo o tipo de crítica imanente desenvolvida em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Ele, por meio da sua teoria da ação comunicativa, mostra como os problemas normativos da teoria crítica da sociedade podem ser tratados em termos de uma concepção de racionalidade comunicativa.

Thompson também argumenta que o modelo de esfera pública apresentado pelo jovem Habermas, em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, restringe-se aos costumes burgueses do século XVIII, haja vista que Habermas cita os jornais burgueses, os salões europeus e os cafés da época como exemplos de lugares propícios às deliberações políticas, ou seja, como esferas privilegiadas de discussão. Fora isso, Thompson destaca que Habermas pouco valorizou o fato das mulheres serem proibidas de freqüentarem os cafés europeus, sendo tais espaços predominantemente marcados pela presença masculina e burguesa. No mesmo viés de Thompson, Keith Michael Baker¹⁷ também argumenta que Habermas não levou em consideração justamente o problema da exclusão das mulheres na esfera pública burguesa.

Outro ponto problemático de Habermas, para Thompson, é a tendência do jovem Habermas, pelo menos ainda em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, em aceitar que os receptores dos produtos da mídia são consumidores relativamente passivos que se deixam encantar pelo espetáculo e facilmente manipular pelas técnicas da mídia: “este argumento exagera a passividade dos indivíduos e aceita muito

¹² Ibidem, p.169.

¹³ Ibidem, pp. 190-191.

¹⁴ Para Arendt, por exemplo, governos totalitários destroem a esfera da vida pública e as capacidades políticas dos sujeitos, isolando os homens uns dos outros. Além disso, os governos totalitários, explica Arendt, destroem também a vida privada dos homens, não se contentando com a destruição da vida pública. Ver, sobretudo, em: ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.527.

¹⁵ THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.69.

¹⁶ Ibidem, p.225.

¹⁷ BAKER, Keith Michael. Defining the Public Sphere in Eighteenth-Century France: Variations on a Theme by Habermas. In: CALHOUN, Craig (Ed.). Habermas and the Public Sphere. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1992, p.198.

facilmente tal passividade no processo de recepção”¹⁸.

Habermas assume, por sua vez, no prefácio de *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, que sua investigação limitou-se, de fato, à estrutura funcional do modelo liberal da esfera pública burguesa. Entretanto, Habermas enfatiza que, embora existissem, é verdade, outros modelos de esferas públicas ligadas aos movimentos plebeus da época, tais esferas continuavam se orientando pelas intenções da esfera pública burguesa e pelos ideais do século XVIII¹⁹. A esfera pública burguesa personificaria princípios que iam além das formas históricas restritas onde ela atuava. Ela materializaria a idéia de que uma comunidade, reunindo-se como iguais num fórum que fosse distinto tanto da autoridade pública do Estado, como dos domínios privados da vida familiar, seria capaz de fundamentar uma opinião pública. Esta seria formada através da discussão crítica, da argumentação racional e do debate aberto a todos e livre de dominação.

Porém, a nosso ver, embora a esfera pública burguesa se baseasse no princípio do acesso universal, na prática ela estava restrita a um setor limitado da população, havendo exclusão de grande parte da sociedade²⁰. Alguns autores²¹, por exemplo, a partir das críticas feitas ao jovem Habermas sobre a esfera pública, afirmam a importância de se discutir uma nova concepção de esfera pública pós-burguesa, que considere outras formas de sociabilidades e espaços de discussão diferentes daqueles descritos pelo jovem Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*.

Entretanto, apesar das críticas acerca das análises da esfera pública dirigidas ao jovem Habermas, ele teve o mérito de destacar as contradições estruturais da esfera pública burguesa e a supremacia do poder e do dinheiro como meios privilegiados da ação política, no que diz respeito aos discursos racionais, assim também como a privatização de espaços potenciais de deliberação:

Esta é uma linha de crítica convincente e é para crédito de Habermas que, refletindo sobre estas questões 30 anos mais tarde, reconhece

as deficiências de seu primeiro enfoque. Não somente os movimentos populares naqueles inícios foram mais importantes do que ele havia previamente admitido, mas é também claro que eles não serão adequadamente entendidos como simples “variantes” do modelo liberal da esfera pública burguesa, como ele (Habermas) de alguma forma apressadamente sugeriu²².

Segundo Thompson, então, é cada vez mais necessário se discutir a questão da esfera pública a partir do impacto dos meios de comunicação, uma vez que o desenvolvimento dos *mass media* pode ser considerado uma dimensão central das sociedades modernas²³. Para ele, parte do que constitui as sociedades modernas como “modernas” é o fato de que a comunicação não está mais restrita a contextos de interação face-a-face. É o que veremos no tópico seguinte.

2 A mudança de paradigma da esfera pública a partir dos meios de comunicação

Segundo Thompson²⁴, devemos repensar um novo significado do “caráter público”, haja vista a constituição atual de um mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, em que indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal. Thompson explica que, antes do desenvolvimento dos *mass media*, a publicidade dos indivíduos estava relacionada ao compartilhamento de um lugar comum. Um evento se tornava público quando representado diante de uma pluralidade de indivíduos fisicamente presentes à sua ocorrência. Thompson chama isto de *publicidade tradicional de co-presença*.

Este tipo tradicional de publicidade serviu-se e se constituiu da riqueza de deixas simbólicas, caracterizadas pela interação face a face: “o evento público era um espetáculo que, por aqueles poucos indivíduos que calhavam de estar presentes, podia ser visto, ouvido, talvez até cheirado ou sentido de alguma outra maneira”²⁵. Nesse sentido, Adriano Duarte

¹⁹ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 1984, p.10.

²⁰ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.147.

²¹ FRASER, Nancy. *Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy*. In: CALHOUN, Craig (Ed.). *Habermas and the Public Sphere*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1992, p.136.

²² THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.69.

²³ _____ . *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.7.

²⁴ _____ . *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.114.

²⁵ Ibidem, p.114.

Rodrigues²⁶ enfatiza que, nas sociedades tradicionais, as relações intersubjetivas estavam relativamente confinadas a um lugar de enraizamento, ou seja, a uma comunidade de pertença. No livro II da *Política*, por exemplo, Aristóteles²⁷ destaca a prática de deliberar, num mesmo solo, em torno das questões acerca da cidade. Assim, a publicidade tradicional da co-presença teria um caráter essencialmente dialógico, diferente do contexto atual dos meios de comunicação.

Contudo, com os *mass media*, criaram-se novas formas de publicidade que são bem diferentes da publicidade tradicional da co-presença. A característica fundamental destas novas formas é que, com a extensão da disponibilidade oferecida por tais avanços tecnológicos, a publicidade de indivíduos, as ações e os eventos não estão mais limitados à partilha de um lugar comum. Ações e eventos podem se tornar públicos pela gravação e transmissão para outros indivíduos ou grupos sociais fisicamente distantes do tempo e do espaço de suas ocorrência.

Para Thompson, quando os indivíduos usam os meios de comunicação, entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face que caracterizam a maioria dos nossos encontros quotidianos. Portanto, os sujeitos são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes ou responder a outros situados em locais distantes. Segundo Thompson, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, ao criar novas formas de ação e interação.

Thompson defende que, a partir das novas formas de comunicação eletrônica, o fenômeno da publicidade se separou da idéia de conversação dialógica em espaços compartilhados. Ele argumenta que os receptores se tornaram testemunhas de eventos que acontecem em lugares distantes. Desta forma, quando falamos em esfera pública na contemporaneidade, devemos sempre levar em consideração a particularidade da natureza funcional dos meios de comunicação, que operam ao mesmo tempo para milhões de pessoas. Este é um aspecto ainda pouco levado em consideração nas discussões sobre esfera pública.

Thompson enfatiza que a mídia alterou, portanto, a nossa compreensão do passado e de mundo, em que este mesmo mundo não está mais limitado apenas à experiência territorial ou de um mesmo espaço físico. Como argumenta Adriano Duarte Rodrigues²⁸, por exemplo, as novas tecnologias da informação tornam hoje possíveis o contato permanente e em tempo real com qualquer ponto do planeta. Sem sairmos de casa, podemos participar de debates e trocar experiências que vão além dos limites territoriais.

Por isso, torna-se impossível exigir a co-presença tal qual uma característica fundamental e essencial da esfera pública, como nos tempos de outrora; bem como também é irreal se exigir a possibilidade de contrapor ao mesmo tempo o que a mídia diz, semelhante a um diálogo entre pessoas. Conseqüentemente, a mídia, para Thompson, criou uma *mundanidade mediada*, isto é, uma compreensão do mundo fora do alcance das nossas experiências pessoais. Além da transformação de entendimento da esfera pública pelos meios de comunicação, podemos destacar também a atuação cada vez maior dos movimentos sociais, bem como o caráter fragmentário do espaço público de discussão na contemporaneidade. Tudo isso constitui uma nova forma de compreensão da esfera pública na atualidade.

3 Movimentos sociais e fragmentação do espaço público

Recentemente, Habermas²⁹ diz que a esfera pública é um “fenômeno social elementar”. Para ele, a esfera pública pode ser descrita como uma rede de comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões, em sintonia com a prática comunicativa cotidiana. Por conseguinte, Habermas³⁰ argumenta que a sociedade civil contemporânea compõe-se de organizações e associações que captam os ecos dos problemas sociais ressonantes nas esferas privadas, transmitindo-os para o sistema político, bem como colocando as questões à luz da discussão pública.

Nesse sentido, Habermas³¹, a partir de uma contextualização acerca da problemática da esfera

²⁶ RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade*. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p.126.

²⁷ ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução: Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Editora Escala, s.d.

²⁸ RODRIGUES, Adriano Duarte. *As Técnicas da Comunicação e da Informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p.20.

²⁹ HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: Entre Factualidade e Validade* (volume II). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p.92.

³⁰ Ibidem, p.99.

³¹ Ibidem, p.106.

pública na contemporaneidade, presente já em um artigo intitulado *Further Reflections on the Public Sphere*³² e em grande parte no segundo volume de *Direito e Democracia: Entre Facticidade e Validade*, enfatiza que a sociedade civil pode, em “certas circunstâncias”, ter opiniões públicas próprias, capazes de influenciar e modificar o rumo do poder oficial. Isto mostra uma modificação de pensamento do próprio Habermas em relação aos seus escritos de juventude de *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Pois Habermas, ao crer que de “uma certa forma” é possível que a sociedade civil articule mudanças no rumo da política, principalmente por meio dos movimentos sociais, afasta-se da perspectiva de teóricos como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, que tanto o influenciaram na juventude.

Para os movimentos sociais, diz Habermas³³, é questão de vida ou morte a possibilidade de encontrar formas solidárias de organização e esferas públicas que permitam esgotar e radicalizar direitos e estruturas comunicacionais existentes. Segundo Habermas, os atores da sociedade civil podem assumir um papel surpreendentemente ativo e pleno de consequências, quando tomam consciência de situações de crise. Habermas defende que a sociedade civil, por meio das esferas públicas e das reivindicações trazidas à tona pelos movimentos sociais, é capaz de introduzir no sistema político discussões sobre os problemas existentes na sociedade como um todo:

Além disso, aquilo que foi um dia a chamada esfera pública burguesa, descrita pelo jovem Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, ramifica-se na atualidade em três outras modalidades, levando-se em consideração a densidade da comunicação, a complexidade organizacional e o alcance comunicacional. São elas: *esfera pública episódica* (bares, cafés, encontros na rua), *esfera pública da presença organizada* (encontros de pais, público que freqüenta teatro, concertos de rock, reuniões de partidos

ou congresso de igrejas) e *esfera pública abstrata*, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares, espalhados globalmente).

Conseqüentemente, apesar das diferenciações, as esferas, constituídas através da linguagem comum ordinária, são flexíveis, permitindo uma ligação entre elas próprias. Diante disso, Habermas justifica que limites sociais internos decompõem o texto da esfera pública, que se estende radicalmente em todas as direções, sendo transcrita de modo contínuo, em inúmeros pequenos textos. Isto é, há uma fragmentação do que um dia se chamou de esfera pública burguesa, bem como a modificação de seu conceito, inadequado para os dias atuais, haja vista o aumento da complexidade e da ramificação da sociedade civil.

Anthony Giddens, (1991) por exemplo, enfatiza que, na contemporaneidade, há vários movimentos sociais com suas respectivas reivindicações, naquilo que denomina de “caráter multidimensional da modernidade”³⁴. O próprio Habermas ainda, em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, deixa em aberto a questão da esfera pública, ao finalizar a obra enfatizando que o conceito de esfera pública é passível de alteração: “sendo ela (a esfera pública) mesma uma categoria histórica, também é vulnerável a uma alteração substancial”³⁵.

Há, portanto, na contemporaneidade, esferas públicas subculturais que se sobrepõem umas às outras, cujas fronteiras reais, sociais e temporais são fluidas. Para Adriano Duarte Rodrigues³⁶, por exemplo, tal fragmentação do tecido social numa multiplicidade de esferas é algo presente no próprio desenvolvimento da modernidade. Segundo ele, já a partir do século XIV, nas sociedades ocidentais, assistimos à aceleração e à intensificação do processo de fragmentação de esferas, por meio de novas formas de lutas que tiveram como objetivo o enfraquecimento do domínio hegemônico do campo religioso sobre as esferas científicas, médicas,

³² HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: Entre Facticidade e Validade* (volume II). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p.109.

³³ GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p.158.

³⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.290.

³⁵ RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade*. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p.143.

políticas e jurídicas:

Nesse sentido, Adriano Duarte Rodrigues³⁷ pontua justamente quatro características essenciais a respeito da emergência na nossa modernidade da questão comunicacional, a saber: a secularização dos ritos sociais, a constituição de novas modalidades autônomas do espaço e do tempo, o desenraizamento da experiência e a segmentação do espaço social. Anthony Giddens³⁸, por sua vez, afirma que, com a crescente segmentação da sociedade e sua fragmentação cada vez maior, estariam vivendo numa modernidade radicalizada ou numa alta-modernidade³⁹.

Todavia, para Habermas, a esfera pública contemporânea e plural, devido à sua estrutura anárquica, está muito mais exposta aos efeitos de repressão e de exclusão do poder social - distribuído desigualmente – da violência estrutural e da comunicação sistematicamente distorcida, do que a tradicional esfera pública organizada diretamente pelo complexo parlamentar, como aquela descrita pelo jovem Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*.

Entretanto, tal qual explica Habermas, a esfera pública contemporânea e plural, de maneira contraditória, tem também a vantagem de ser um meio de comunicação isento de limitações, no qual é possível captar melhor novos problemas, conduzir discursos expressivos de auto-entendimento e articular, de modo mais livre, identidades coletivas e interpretações de necessidades: “Todas as esferas públicas parciais remetem para uma esfera pública abrangente em que a sociedade na sua globalidade forma um saber sobre si mesma”⁴⁰.

Considerações finais

Precisamos entender, como problematiza Thompson, o caráter novo da esfera pública, a partir do surgimento dos meios de comunicação de massa. Não podemos mais compreender a esfera pública, depois dos *mass media*, como um único local compartilhado ao mesmo tempo pelos sujeitos. Devemos repensar um novo significado do “caráter público”, haja vista a

constituição atual de um mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, onde indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal.

Esta difusão dos produtos da mídia nos permite em certo sentido a experiência de eventos, a investigação de outros e, em geral, o conhecimento de um mundo que se amplia para muito além de nossos encontros diários⁴¹.

Com os *mass media*, os eventos não se limitam mais à partilha de um mesmo lugar comum. Thompson, a partir disso, argumenta que se não modificarmos o conceito de esfera pública, tendo em vista o desenvolvimento dos meios de comunicação, seremos inclinados a subestimar a qualidade da vida pública contemporânea e a ver apenas aspectos negativos no desenvolvimento dos *mass media*.

Além disso, como demonstramos com Habermas, nos seus escritos mais recentes, devemos considerar igualmente a esfera pública contemporânea, como um espaço cada vez mais fragmentado e plural, que se divide em diversas arenas temáticas, internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, mas que não se excluem mutuamente. Nesse contexto, a atuação dos movimentos sociais no espaço público de discussão se faz cada vez mais presente. Os movimentos sociais introduzem no sistema político discussões sobre os problemas existentes na sociedade como um todo, constituindo também um aspecto determinante para a reflexão sobre esfera pública na atualidade.

Referências

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Escala, [ca. 2007].

³⁷ Ibidem, p.57.

³⁸ GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p.57.

³⁹ Ibidem, p.162.

⁴⁰ HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990, p.330.

⁴¹ THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.38.

- BAKER, Keith Michael. Defining the public sphere in Eighteenth-Century France: variations on a theme by Habermas. In: CALHOUN, Craig (Ed.). *Habermas and the public sphere*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1992. p. 198-199.
- FRASER, Nancy. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing Democracy. In: CALHOUN, Craig (Ed.). *Habermas and the public sphere*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1992. p. 136-137.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 2.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. Further reflections on the public sphere. In: CALHOUN, Craig (Ed.). *Habermas and the public sphere*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1992. p. 421-461.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade*. 3. ed. Lisboa: Presença, 2001.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *As técnicas da comunicação e da informação*. Lisboa: Presença, 1999.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.